

## LUIZ AUGUSTO DE OLIVEIRA E SUAS ATIVIDADES ESCOLARES NO GINÁSIO MAIRI (1971 – 1979)

*Joubert Lima Ferreira*

*Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências  
UFBA/UEFS*

*jouferr@yahoo.com.br*

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo analisar as atividades escolares desenvolvidas pelo professor Luiz Augusto no Ginásio Mairi (GM), localizado em Mairi - BA, entre os anos de 1971 e 1979. O recorte temporal justifica-se pelo início das atividades escolares no Ginásio Mairi até o retorno da professora Zilda Pedreira, em 1980. A escolha do GM, enquanto campo de pesquisa, está relacionada ao fato desta instituição ter sido a única a oferecer o primeiro e o segundo graus completos até meados dos anos de 1980. Para a construção deste trabalho, foram usadas diversas fontes: livros de atas, manuais didáticos, fotografias, entrevistas e livros de memórias. A análise dessas fontes permitiu que construíssemos um pouco da trajetória das atividades escolares desenvolvidas pelo professor Luiz Augusto, no GM, assim conhecendo as suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, o tornar-se/fazer-se professor de matemática aconteceu a partir das vivências que foram sedimentadas, constituídas e produzidas pelo contexto escolar, social e cultural do período em estudo.

**Palavras-chave:** Ensino de matemática; Luiz Augusto; Ginásio Mairi;

### **1. Introdução**

O presente trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em História – Matemática – Educação (GHAME) da Universidade Federal da Bahia, o qual tem estudado a história do ensino de matemática na educação básica, entre os anos de 1940 a 1980. Nessa perspectiva, várias pesquisas estudam espaços escolares diversos dentro do estado da Bahia. Assim, por ser natural da cidade de Mairi, que dista 288 km da capital do estado, Salvador, escolhi estudar a história do ensino de matemática lá, uma vez que a cidade é pequena e está localizada no sertão. Outro motivo é que a maioria das pesquisas do grupo, já realizadas, centram-se em grandes cidades ou cidades próximas à capital.

Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo analisar as atividades escolares desenvolvidas pelo professor Luiz Augusto no GM, entre os anos de 1971 e 1979. Entendemos atividade, segundo Ferreira (1988, p. 70), como “estado de ativo, ação; ou qualquer ação ou trabalho específico”. Assim, atividades escolares, aqui, passam a ser entendidas como o conjunto de atribuições/ações realizadas por uma pessoa dentro do espaço escolar. Nesse sentido, as atividades escolares desempenhadas pelo professor Luiz Augusto, compreenderam o ensino – as práticas pedagógicas –, membro da banca do Exame de Admissão – elaborando, avaliando e selecionando os alunos – administrativo, exercendo a vice-direção da instituição.

O recorte temporal justifica-se pelo início das atividades do professor no GM até o retorno da professora Zilda Pedreira, esta também professora de matemática, em 1980. Para a construção deste trabalho, foram usadas as diversas fontes: livros de atas, manuais didáticos, fotografias, entrevistas e livros de memórias. A análise dessas fontes permitiu que construíssemos um pouco da trajetória das atividades escolares desenvolvidas pelo professor Luiz Augusto no GM.

A escolha do GM está atrelada ao fato desta instituição ter sido a única a oferecer o primeiro e o segundo graus completos até meados dos anos de 1980. Este trabalho está constituído de três partes, a primeira trata da história do Ginásio Mairi, em seguida abordamos um pouco da história de vida do professor Luiz e por último, apresentamos um pouco das atividades desenvolvidas por ela durante os anos de 1971 a 1979.

## **2. O Ginásio Mairi...**

Em 08 de outubro de 1966 foi instalado e estruturado o Setor Local da Campanha Nacional do Ginasiano Pobre (GNEG), recebendo o nome de Ginásio Mairi. No ato de instalação, fizeram-se presentes, a administradora da rede CNEG – BA, Maria de Lourdes Soares, o desembargador Claudionor Ramos e a secretária do Conselho Estadual de Educação, Professora Zelinda Ramos. Porém, só em 18 de março de 1967, no prédio do Grupo Escolar Getúlio Vargas, cedido pelo Estado, instala-se o Ginásio Mairi, com funcionamento provisório à noite. Inicialmente esse Ginásio contou com 103 alunos divididos em quatro turmas, sendo três destas do extinto Ginásio de Monte Alegre<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fundado em 1956, por iniciativa do médico José Vieira da Silva, a primeira escola secundária do Município, o Ginásio de Monte Alegre, tornando-se de fundamental importância para o desenvolvimento sociocultural, econômico e político do município de Monte Alegre.

No primeiro ano de funcionamento, em 1967, o ginásio teve como diretor o Padre João Farias Júnior, como secretária a professora Edna Simões Costa. Suas primeiras professoras – todas normalistas, formadas pelas escolas normais das cidades de Salvador, Feira de Santana e Jacobina –, foram Celuta de Oliveira Cunha, Maria de Loudres Rios Sena, Marinalva Santos Souza, Maria Perpetua Dórea da Costa, Arlete Cerqueira Lopes, Iracy d’Araújo Leal, Margarida Augusto de Oliveira, Elielza de Oliveira Cunha, Maria da Conceição de Oliveira Cunha, Zilda Araújo Pedreira – esta professora de Matemática – Luiza Simões Costa, Odete Oliveira Cerqueira e Maria Luiza Moreira Menezes. (FERREIRA, 2012; FERREIRA e LIMA, 2011)

Nesse primeiro ano de funcionamento, chama-nos a atenção à presença feminina, no espaço do Ginásio Mairi. O que nos deixou intrigados. Por que apenas as mulheres davam aulas? Por que os homens não estavam presentes nesse espaço? Mais uma vez suponhamos que talvez isso estivesse ligado ao fato de que todas eram normalistas, habilitadas para o magistério, uma profissão vista como essencialmente feminina. Especificamente no caso de Mairi, outra hipótese poderia ser o fato de que no ano de fundação desse Ginásio, os professores não recebiam altos salários, o que poderia ter afastado os homens de tal função. Ou talvez ainda, não houvesse homens formados e que quisessem lecionar.

Até o ano de 1967, o município, na sede, dispunha apenas de três escolas e estas ofereciam somente o curso primário. A criação do Ginásio Mairi potencializaria o desenvolvimento sociocultural da cidade. “Poucas famílias em Mairi, podem dizer que não passaram pela CNEC. Por ela desfilaram, nesses 25 anos, 3.500 alunos. Já concedemos certificado de conclusão de curso a 180 Técnicos em Contabilidade e a mais de 500 Professores” (PEDREIRA, 1994, p. 127). Com a formação de profissionais, possibilitou que o município, não só de Mairi, como das cidades vizinhas, a absorção desses profissionais. Além de muitos outros que seguiram para as cidades de Feira de Santana e Salvador para continuarem estudando.

Durante os primeiros anos de funcionamento do Ginásio Mairi, o Setor Local se mobilizava para a construção de sua sede. Com o projeto do arquiteto Carlos Freire, deu início ao processo de construção do primeiro bloco com quatro salas de aulas, o bloco da administração com mais duas salas de aulas e a biblioteca, a praça de esportes e a arborização do parque, mais o laboratório de ciências, foram construídos mais tarde. Para tal, a mobilização da comunidade foi essencial. Recebendo doações, realizando bingos,

rifas, tudo em prol da arrecadação de fundos para a construção. A mão de obra, muitas vezes era também realizada de graça. Segundo a professora Elielza C. Ribeiro, os professores também colaboravam, determinado valor do seu salário era descontado e destinado para a construção do prédio.

Enquanto o novo prédio era construído, as aulas funcionavam no Grupo Escolar Getúlio Vargas. Nesse período a energia elétrica ainda não havia chegado ao município, funcionando a base do gerador, que ficava ligado até às 22 horas. As aulas concentravam-se no turno noturno, uma vez que no diurno a escola ofertava o ensino primário, oferecendo apenas uma turma de cada série do ensino secundário. Houve sempre a preocupação com horário do término das aulas, pois quando o gerador fosse desligado, a cidade apagava-se. Assim, havia uma preocupação acerca do horário do término das aulas, pois as meninas, muitas ainda crianças, por volta de seus 12, 13, ... anos... teria que chegar em casa sem que nada acontecesse, uma vez que as famílias mairienses, do período, eram muito conservadoras.

Nesse contexto social, a o ginásio tocava as suas atividades. Um fato ocorrido, e que pude constatar, através de um ofício de nº 09/1969, datado do dia vinte e oito de maio, destinado ao Diretor do Departamento de Educação Média da Secção de Supervisão e Orientação dos Estabelecimentos de Ensino Secundários, em Salvador. Nele, a então Diretora, professora Maria da Conceição de Oliveira Cunha, relata que, através de reunião com o corpo docente, realizada no dia anterior, resolve suspender as aulas até a apuração, através de inquérito escolar, de atos indisciplinares e de sabotagem que ocorreram sequenciadamente, por parte de um aluno. Esclareceu também que o corpo docente demonstrava preocupação em relação à integridade física suas, dos alunos e demais funcionários, uma vez que os atos de sabotagem consistiam na provocação de circuitos elétricos. Cabe destacar que o nome do aluno não foi mencionado no ofício e nem encontrei registros em outros arquivos sobre o assunto. Esse episódio mostra que os primeiros anos de funcionamento do Ginásio Mairi não foram tão prazerosos.

A inauguração do primeiro bloco, com 600 m<sup>2</sup>, ocorreu em 09 de novembro de 1969 e contou com a presença do Sr. Luiz Rogério, um dos dirigentes da Campanha na Bahia. Boa parte da sociedade mairiense fazia-se presente, e autoridades como Carlos de Oliveira Nunes – prefeito –, Nilton Marques – deputado –, entre outros. Entretanto, esse primeiro bloco não era suficiente para atender a todas as turmas do Ginásio Mairi. Assim, no ano de 1970, já funcionando em sua própria sede algumas turmas, outra, como a turma

da 4ª série funcionava na Escola Estadual Walter Cerqueira, vizinha do Ginásio Mairi. Sobre isto, encontra-se registrado no Livro de Visitas uma preocupação da Supervisora de Ensino, a Sra. Cândida Maria G. B da Silva, sobre a situação que o ginásio vivia por conta da quantidade de salas de aulas existentes não supriam a quantidade de turmas oferecidas. Também registrou que o fato da turma estudar num outro espaço dificultava a fiscalização e solicitava que a diretoria do ginásio intercedesse junto a prefeitura, o setor local e estadual da CNEC a fim de terminar, o mais rápido possível, a construção das outras salas de aulas.

### **3. O professor Luiz Augusto...**

Esse novo momento vivenciado pelo GM, já exercendo boa parte de suas atividades em sede própria, acontece no mesmo período da chegada do professor Luiz Augusto, que viria a suceder a professora Zilda Pedreira, que se afastaria das atividades, mudando-se para sua cidade natal, Macajuba –Ba, para cuidar de sua mãe que encontrava-se adoentada. Então, Luiz Augusto, natural de Mairi, retornava a sua cidade, depois de mais de 15 anos morando fora.

Luiz viveu a infância correndo os campos, andando a cavalos, brincando, divertindo-se; ajudando seus pais nas atividades ligados ao fazer/trabalho de homens na fazenda em que foi criado. Luiz Augusto de Oliveira ou professor Luiz, como é conhecido. Nasceu em 07 de setembro de 1936, na Fazenda Boqueirão, localizada próxima ao Povoado Bonsucesso, do município de Monte Alegre – Bahia, hoje Mairi. Filho de Genário Augusto de Oliveira, fazendeiro conhecido na região pela honestidade e popularidade; e, Dona Melânia Leal de Oliveira, mulher simples e que gostava muito ajudar aos pobres, além de cuidar do lar e dos muitos filhos.

Mesmo contra a vontade de seu pai, apesar das condições financeiras favoráveis para custear as despesas com estudo, foi o único, entre os cinco irmãos, juntamente com uma das três irmãs a dedicarem-se aos estudos. A sua primeira escola ou “escola de primeiras letras” como costuma mencionar, aconteceu ainda na “roça”, mais tarde que passou a estudar na cidade. Em 1950, ele começa a sua vida escolar na sede do município, estudando no Grupo de Escolas Reunidas Getúlio Vargas, única escola pública do município até 1963 que oferecia o curso primário.

Em suas reminiscências, costuma lembrar

[...] como aluno, tive professoras boas naquele período. Tinha a professora Claudionora, muito exigente. Professora Maria José que era também uma das diretoras. Professora Judithe, era esposa de Giriard, José Giriard. As aulas de matemática, na escola primária, era muito rígida, dava sabatina, sempre tinha. Era assim ao redor, quem não aceitava ganhava bolinhos na mão, aquelas coisinhas assim, de ficar de joelho em cima de caroços de milhos, sempre tinha essas *passagenzinhas* (sic.) [...]. (OLIVEIRA, 2010, p. 1)

Então, em suas memórias aparecem reflexões sobre os primeiros contatos com a matemática e as práticas pedagógicas que eram realizadas com esta em sala de aula. Terminado o curso primário em 1953, Luiz Augusto, ainda adolescente, porém pequeno em seus 1,58 m de altura, branquinho e de olhos azuis, presta exames de admissão na Escola Normal de Feira de Santana, juntamente com sua irmã, que também foi uma das primeiras professoras do Ginásio Mairi, a Sra. Margarida Augusto de Oliveira. Entretanto, ela continua na Escola Normal de Feira de Santana e ele, de posse do certificado de aprovação no exame de admissão, consegue matricular-se, como interno, no Colégio 2 de Julho, em Salvador, Bahia. Lá, realiza estudos do curso Ginásial e no ano de 1957, quando cursava a 4ª série do ginásio foi selecionado para servir ao Exército, ficando neste durante dois anos, lotado no 19º BC. Em 1959, retorna ao Colégio 2 de Julho para terminar os seus estudos. Porém, quando cursava a 3ª série do Colegial mudou-se para Cruz das Almas, Bahia, onde terminou os estudos. Ainda em Cruz das Almas, prestou vestibular e ingressou no curso de Engenharia Agrônômica da Escola de Agronomia do Médio São Francisco em Juazeiro, Bahia, hoje, atual campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Terminado o curso de Engenharia Agrônômica, realizou, em 1967, durante sete meses, o Curso de Extensão Rural, na Universidade Federal de Minas Gerais, na cidade de Viçosa. Este curso, caso obtivesse aproveitamento máximo seria admitido na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), o que ocorreu. Também exerceu a chefia sobre a experimentação do fumo, no município de São Gonçalo – BA, entre 1970 e 1971. Diante de uma reestrutura interna da empresa, através de indicação da mesma, ele passa a servir a Secretaria de Educação do estado e começa a lecionar no Ginásio Mairi no ano de 1970, uma vez que este era o único ginásio da cidade e pela formação superior em engenharia poderia lecionar as disciplinas da área de exatas. Exerceu as atividades docentes por 26 anos, período que durou o convênio do estado com a entidade mantenedora do colégio.

Como docente, realizou vários cursos sobre matemática, em Salvador, num dos departamentos da Secretaria de Educação do Estado. Em suas memórias, ele lembra que cursou o I Treinamento para Docentes da Série Básica, realizado em abril de 1974, na

capital. Lembra também que cada professor, na sua área de atuação, realizou o curso. Mesmo com as atividades docentes, não deixou de exercer a função de agrônomo, e em 1976, sob credenciamento da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), nº 594, passou a ser avaliador de projetos rurais do Banco do Brasil até os dias de hoje. Também exerceu a vice-direção do ginásio por um período.

#### **4. As aulas de Matemática...**

A chegada de Luiz Augusto e o primeiro ano de ensino no GM não foram dos melhores. Conforme o depoimento da ex-aluna Suêde Vitória

Quando eu iniciei o ginásio, o professor Luiz Augusto ainda não tinha uma morada fixa aqui em Mairi, ele morava em outra cidade e faltava muito. Eu só me lembro bem que ele exigia muito, ele explicava muito as operações numéricas, as expressões numéricas, a raiz quadrada. O que eu me lembro mais é a 5ª série, ele viajava, ia pra outra cidade, e quando voltava ele estava sempre exigindo, explicando esses assuntos. Eu só consigo lembrar da 5ª série, mas 6ª eu não me recordo se era o mesmo professor. (VITÓRIO, 2010, p. 2)

De fato, os dois primeiros anos foram divididos entre o GM e as atividades da EDDBA, uma vez que o mesmo ainda coordenava o centro de experimentação do fumo, no município de São Gonçalo, Ba. Por isso, que a ex-aluna lembra que ele viajava muito. Outro fator era a não residência de sua esposa no município. Esse fato também pode ser comprovado através das cadernetas de aulas do ano de 1971, nas cadernetas de aula, durante o primeiro semestre, ou seja, antes das férias de meio de ano, o professor não registrou os conteúdos e a mesma apresenta uma quantidade enorme de carimbadas com a expressão “não compareceu”. Em algumas cadernetas chega a quantidade de 8 aulas seguidas com a expressão citada.

Entretanto, a partir do segundo semestre, esse impasse se resolve. Luiz Augusto deixa de vez a EBDA e passar a residir em Mairi. Então, quando as aulas retornam, o professor passa a ministrar seis aulas por semana em cada turma, inclusive aos sábados, com a finalidade de repor o grande número de aulas perdidas. Essa é uma constatação que faço a partir do manuseio das cadernetas citadas e de uma busca realizada num calendário eletrônico. Assim, pude comparar as datas assinaladas e verificar que eram ministradas as seis aulas por semana, sendo que não existiram aulas geminadas durante a semana e, algumas delas, foram ministradas aos sábados, outras ministradas no turno oposto.

Nesse primeiro momento de suas atividades docentes no GM, os conteúdos mais trabalhados em sala de aula, conforme registrado nas cadernetas e confirmados em algumas entrevistas, foram:

Quadro 01 – Conteúdos registrados nas cadernetas em 1971/1972

<b>1ª SÉRIE</b>	<b>2ª SÉRIE</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Números inteiros, operações fundamentais, números relativos.</li><li>• Potências e raízes</li><li>• Divisibilidade aritmética; números primos; MMC e MDC.</li><li>• Números fracionários e decimais.</li><li>• Números complexos.</li><li>• Áreas de figuras planas.</li><li>• Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Média, razão e proporção.</li><li>• Porcentagem e juros.</li><li>• Regra de três simples e composta.</li><li>• Potências e raízes; expressões irracionais.</li><li>• Cálculo literal; polinômios.</li><li>• Binômio linear; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.</li></ul>
<b>3ª SÉRIE</b>	<b>4ª SÉRIE</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Cálculo literal; polinômios.</li><li>• Figuras geométricas planas; reta e círculo.</li><li>• Equações, sistemas e representação gráfica.</li><li>• Teoremas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Radicais.</li><li>• Equações e sistemas do 2º grau.</li><li>• Relações métricas nos polígonos e no círculo; cálculo de <math>\pi</math>.</li><li>• Relações trigonométricas no triângulo retângulo.</li><li>• Áreas de figuras planas.</li></ul>

FONTE: CNEC – arquivo – cadernetas do GM

Nos anos de 1971 e 1972, o professor Luiz Augusto usou os conteúdos apresentados anteriormente. Ao analisarmos o quadro acima, percebemos uma aproximação, em relação aos conteúdos, do programa proposto pela portaria n.º 1045/51.

A chegada do professor Luiz coincide com a mudança das atividades escolares do GM, deixando o espaço do Grupo Escolar Getúlio Vargas para a sua própria sede, ainda em construção. O testemunho da ex-aluna Odília Santana mostra um pouco da vivência e como foram as aulas nos primeiros anos do GM, em sua nova sede. Luiz Augusto foi

[...] professor do 3º e 4º ano que seria a 8º série. [...]. Que não funcionou totalmente no prédio cá em cima (sede), funcionou na escola Walter Cerqueira. Nós íamos por aqui, descíamos a rampa pra assistir aula no Walter Cerqueira. Por que não tinha sala pra nós, a escola não tinha terminado ainda. Tava em construção. Quero dizer, foi uma trajetória na vida da gente. Nós saímos daqui da Getúlio Vargas (que a aula era de noite), quando construiu aqui nós passamos pra cá pra parte, quando nós chegamos na 7º e 8º (no 8º mais ainda) nós descíamos para o Walter Cerqueira. (SANTANA, 2012, p. 3)

No depoimento acima a ex-aluna demonstra reviver aqueles momentos de sua vida escolar. Ela narra o cotidiano, os caminhos percorridos, as trajetórias vividas como se voltasse àquele tempo. Ainda sobre o professor Luiz Augusto, ela nos diz que

[...] Luiz foi assim, aquele doce de professor, que às vezes até extrapolava. Os alunos se achavam, não sei... Acho que tinha liberdade demais com ele. Por que ele era assim, ele dava o conteúdo mas ele não tinha aquela preocupação de ficar vigiando, de ficar cobrando. Eu acho que ele achava que cada um tinha que fazer a sua parte. Mas também foi um período marcante e bom. Agora é assim, uma pessoa muito calma, muito tranquila, ele tinha aquela preocupação de explicar realmente. [grifos meus] (SANTANA, 2012, p. 3)

A chegada do professor Luiz Augusto dá início um novo modelo de professor, mais próximo do aluno, demonstrando um espírito mais humanista (MIZUKAMI, 1986).

As aulas eram até assim divertidas, que ele pegava coisas da vida prática, exemplos práticos e colocava pra gente. Às vezes quando a gente tava com aquela dificuldade de entender o porquê disso, daquilo, ele usava muito assim, praticidade da coisa para desenvolver as atividades. [...]. Eu me lembro de uma vez que eu dizia assim: “Ôh professor eu não sei fazer conta de tarefa”. Ele explicava tão assim, uma facilidade tão tamanha, mas só que a gente não entendia, não sabia o que era tarefa. Mas ele explicava assim com a maior boa vontade, a gente ficava prestando atenção [...]. (SANTANA, 2012, p. 3)

Conforme o depoimento, o professor Luiz é apresentado como alguém próximo do alunado, desmistificando a figura do professor como detentor do conhecimento e da verdade. Ele tinha a preocupação de tentar relacionar o conteúdo com a vida prática do aluno, demonstrava uma boa intenção para tal. Entretanto, no testemunho acima, quando a aluna refere-se à questão da conta de tarefa, uma frase chama-me atenção “a gente não entendia, não sabia o que era tarefa”. Por mais que o professor tivesse a intenção de relacionar o conteúdo com a vida do aluno, fica evidente que nem sempre ele conseguia. A facilidade em relação à conta de tarefa está em sua formação como engenheiro agrônomo. Assim, até que ponto a formação como engenheiro implicou para o processo de transposição didática do conteúdo? Seria necessário ser professor para realizar a transposição de maneira que os alunos viessem a entender o era que “tarefa”?

Segundo as cadernetas de aulas, verifica-se que havia uma prova mensal. Comumente, ele destinava duas semanas para apresentar o conteúdo ou conteúdos e uma semana antes da prova, destinava aulas para a revisão. Sempre escrevendo o conteúdo no quadro de maneira muito organizada, os alunos copiavam tal qual. Depois de uma semana revisando o conteúdo massivamente, era chegada a hora dos alunos responderem a prova. “[...] Luiz era assim muito tranquilo. Às vezes até deixava, as informações..., a gente

perguntar, assim um perguntar ao outro. [...] E eu acho que ele assim, não que ele não quisesse fazer, mas se ele achava que você deu a resposta certa, tava decidido.” (SANTANA, 2012, p. 4)

Sendo assim, o professor Luiz Augusto acaba provocando um choque em seus alunos com o seu método de trabalho, totalmente dispare do que propunha o Sumário de Didática Geral, ou seja, diferente da forma que estavam acostumados a trabalhar. Também era uma prática comum em suas aulas, pelo menos é o que consta registrado nas cadernetas, a arguição. Costumava destinar algumas aulas para realizar provas orais, levando os alunos ao quadro e solicitando que resolvessem algumas questões. A prova oral é um procedimento clássico de verificação da aprendizagem dos alunos, surgiu na Idade Média e permaneceu, praticamente, até os dias atuais – claro, que ao longo do tempo ela sofreu modificações –. Sofreu ainda inúmeras críticas em relação aos tipos de questões, a brevidade e sua duração, a exposição dos alunos, a individualidade e o formalismo. Entretanto, a prova oral permitiria ao professor verificar a “capacidade do aluno de organizar o pensamento e de orientar seu raciocínio dentro da matéria, face às questões e aos problemas que lhe são apresentados no momento” (MATTOS, 1981, p. 456).

O GM inicia suas atividades escolares em 1972 com uma quantidade de turmas bem superior em relação aos anos anteriores, isso ocasionado pelo processo de expansão do ensino público ocasionado pela nova lei de diretrizes e bases, nº 5692/71 (CHAGAS, 1980). E o professor Luiz Augusto continua em ministrar aulas de matemática em todas essas turmas. Analisando as cadernetas a partir de 1972 encontrei, anexados a elas, alguns planos de cursos e verificando os conteúdos propostos e executados, percebi uma série de divergências entre elas em relação ao conteúdo. Assim, os conteúdos trabalhados seguem o mesmo padrão proposto no quadro 01, que apresenta uma aproximação da proposta apresentada na portaria nº 1.045 em relação à escolha dos conteúdos ministrados em suas atividades docentes.

O objetivo proposto no plano – desenvolver o raciocínio dos alunos, levando-os a resolver situações práticas – prevê um ensino voltado para o desenvolvimento de habilidades que permitam aos alunos alcançarem competências ligadas à resolução de problemas em sua vivência cotidiana. Ainda, do plano identificamos outros elementos – o nome do livro, a quantidade de aulas semanais e a distribuição e organização dos conteúdos ao longo do ano letivo – que permitem visualizarmos o cenário das práticas do professor Luiz Augusto.

Deste modo, de posse do livro que era usado – Matemática: conceituação moderna – do autor Marcius Brandão, publicado pela Editora do Brasil S.A., em quatro volumes, um para cada série do curso ginásial, elaborei o quadro abaixo:

Quadro 02 – Relação de conteúdos registrados pelo prof. Luiz Augusto (1972)

CONTEÚDOS, REFERENTES A 5ª SÉRIE, APRESENTADOS NO:		
PLANO ANUAL	ÍNDICE DO LIVRO	CADERNETA
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conjunto;</li><li>• Sistema de numeração;</li><li>• Operações com números inteiros;</li><li>• Propriedades elementares dos números;</li><li>• Números racionais;</li><li>• Sistemas de unidades de medir;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conjunto;</li><li>• Conceito de número;</li><li>• Sistema de numeração;</li><li>• Operações com os números inteiros naturais;</li><li>• Propriedades elementares dos números;</li><li>• Números racionais;</li><li>• Sistema de unidades de medir.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Números inteiros, operações fundamentais, números relativos.</li><li>• Potências e raízes</li><li>• Divisibilidade aritmética; números primos; MMC e MDC.</li><li>• Números fracionários e decimais.</li><li>• Números complexos.</li><li>• Áreas de figuras planas.</li><li>• Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.</li></ul>

FONTE: BRANDÃO, Marcius. Matemática: conceituação moderna. Editora do Brasil S.A.

Do quadro acima, constatamos que para a construção do plano anual de ensino – obrigatório para o início das atividades docentes, uma vez que neste período a fiscalização dos órgãos de controle da Secretária de Educação atuavam com muita frequência nas unidades ensino – o professor utilizou o índice do livro para distribuir os conteúdos no planejamento anual. Assim, estaria de acordo com as diretrizes propostas, pois os livros contemplavam tudo, ou quase tudo, o que propunha as normas, enquanto currículo mínimo.

Nota-se no registro da caderneta a ausência do conteúdo *conjuntos*. Analisando atentamente o plano anual, observou-se que o mesmo destinava 31 aulas, distribuída em dois meses, março e abril, para a discussão, apresentação e estudos da teoria de conjuntos. Entretanto, este tópico não aparece registrado na caderneta, havendo um salto para os estudos com *números inteiros*. Sendo assim, o professor despreza o conteúdo por algum motivo, que poderia ser, a não familiaridade com a teoria de conjuntos, uma vez que, provavelmente, em sua vida escolar não tenha estudado; ou ainda, por não considerar de utilidade na vida prática do aluno.

No ano de 1973, esta registrado nas cadernetas das 5ª séries, turmas A e D, o conteúdo conjuntos, entretanto, o mesmo aparece registrado em apenas quatro aulas. Se compararmos com o plano anual proposto para o ano de 1972, quatro aulas é equivalente a pouco mais de 10% das aulas planejadas para tal finalidade. Observa-se ainda que nas cadernetas, sempre os primeiros registros são *exercícios*, isto é indício de que o professor

Luiz Augusto costumava realizar atividades com o objetivo de verificar o nível de desenvolvimento do pensamento matemático dos alunos.

De modo geral, o professor Luiz Augusto trabalhou o conteúdo proposto, inserindo o tema dos números complexos e não registrando os conteúdos de subtração, multiplicação e divisão no conjunto nos números naturais. Aparece com frequência nessa caderneta, a não ordenação dos conteúdos como propõe o livro e foi apresentado no plano de curso. Além disso, o professor Luiz registra muitas aulas como revisão e exercícios.

Eu sempre fui uma das pessoas a ensinar matemática que não apoiei a decorar matemática. Sabe que matemática não é uma matéria pra se decorar, tem que se praticar, quanto mais se pratica, melhor aprende. [...]. No entanto, hoje quando eu vejo um professor copiando do livro e passando pro quadro... Você foi formado pra quê mesmo? Você tem que ter capacidade pra lecionar. Seja professor de história, leia o assunto... [...]. Eu acho que a pessoa já deve ter o assunto, já preparado em si, mas ele chega na sala de aula e 'pa'. Quando tiver necessidade de abrir uma lei, assim aí pega o livro e fala. (OLIVEIRA, 2010, p. 10)

O depoimento do professor demonstra que o ensino de matemática em suas aulas estava ligado a objetividade, ou seja, uma matemática mais prática e menos teórica. O aluno tinha o livro como apoio, entretanto as suas aulas eram copiadas no quadro e o aluno copiava os tópicos no caderno. O professor não costumava copiar diretamente do livro, a matéria escrita no quadro era proveniente do que ele sabia de matemática, desde definições, teoremas, propriedades e etc..

Em 1975, os planos anuais ganham um novo formato. Saem do modelo que apenas trazia os conteúdos distribuídos, primeiramente nos meses do ano letivo e posteriormente nas unidades ou bimestres, para além de apresentar os objetivos gerais e os conteúdos, agora incluem os objetivos específicos, estratégias de ensino e avaliação da aprendizagem. Um dos indícios para essa mudança na estrutura dos planos anuais é que, no ano anterior, o professor Luiz Augusto participou do I Treinamento de Professores da Série Básica – cursista em Matemática –, com duração 40 horas, realizado pela Secretária de Educação e Cultura, no mês de abril de 1974. Entretanto, o professor Luiz Augusto não soube informar o que foi discutido nesse curso. Assim, há indícios de que pode ter sido um curso para atualizar professores em relação à nova proposta curricular, implantada no ano anterior ou ainda, atualizar professores acerca de novos conteúdos inseridos no programa.

Nesse sentido, ao observarmos os planos anuais para ano de 1975, correspondentes as quatro últimas séries do 1º grau, verificamos a existência de uma correspondência entre as estratégias de ensino propostas para o ano letivo e as diretrizes do programa curricular.

Como estratégias são apresentadas “trabalhos em grupos, leituras, observações, análises do assunto sob orientação do professor, exercícios de fixação (orais e escritos), competições em grupos, resolução de problemas da vida prática e pesquisa” (OLIVEIRA, 1975, p. 3). Em relação à parte burocrática, ou seja, o cumprimento dos programas de ensino, o GM, através do professor Luiz Augusto cumpria as diretrizes propostas.

Entretanto, ao analisarmos detalhadamente o registro das atividades desenvolvidas em cada série e assinaladas na caderneta, pude verificar que o professor usou exercícios orais (registrado com a nomenclatura arguição) e escritos, revisões – em muitas de suas aulas –. Assim, o uso de competições em grupos não foi registrado, possivelmente em função de não ter sido trabalhado. Uma vez que as aulas

com o professor Luiz, eram assim, atividades individuais, dificilmente ele trabalhava em grupo, as aulas explicativas usava muito o quadro e não tinham questões, assim, tipo, desenvolver raciocínio lógico, praticamente não existia. Era cálculo mesmo, onde  $2+2=4$ , e você não precisava pensar muita coisa, você precisava saber a tabuada, saber quanto é "tanto mais tanto", "tanto vezes tanto", e chegava a uma definição. (SILVA, 2010, p. 3)

Coadunando com o depoimento de Rita de Cássia M. Silva, outra ex-aluna, Iracema S. Souza, afirma que nas aulas de matemática, ministradas pelo professor Luiz Augusto, ele “não utilizava nenhum material, apenas chegava no quadro de giz e tentava explicar tudo no abstrato e memorização, uma matemática distante da vida, onde se tinha medo e não aprendia, apenas decorava.” (SOUZA, 2012, p. 1). Desse modo, percebemos que em sua metodologia de ensino era priorizado quadro, o giz e conhecimento matemático.

A escola recebia livros através de doações das editoras, entretanto, os usos que eram feitos desses materiais no interior das escolas, eram peculiares a cada professor. Se depositar o livro na biblioteca da escola, se levar a coleção para casa com a finalidade de estudar e usar como apoio no processo de estudo e planejamento das aulas, isso nunca vamos saber. Provavelmente, poderemos viver de suposições, de indícios. Assim, o professor Luiz Augusto, pelo menos em seus planos anuais e de seus colegas de escola, nunca adotaram livros do Osvaldo Sangiorgi na década de 1970. Entretanto, “os autores são antigos, mas as edições novas. O Osvaldo Sangiorgi, sempre, eu gostava muito dele que continuei gostando até hoje.” (OLIVEIRA, 2010, p. 6). Assim, o uso dos livros do Sangiorgi sempre foram para estudos no momento de planejar as suas aulas, de selecionar os exercícios, de elaborar as questões das provas. Não só com os livros do Sangiorgi, mas possivelmente com outros autores também.

De todo o seu acervo pessoal de livros didáticos, restou em sua casa poucos, depois que doou a biblioteca de um centro cultural da cidade. Ele guardou alguns livros dos autores Sangiorgi, Bonjorno, Castrucci e Giovanni. Porém, “[...] tem uns livros aqui que eu gosto sempre de reler. Você pega assim, ‘Álgebra’, você só vê exercício, pouca leitura [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 4). O professor Luiz Augusto refere-se ao livro *Cadernos MEC: Álgebra 2*, de Pedro Paulo Marques de Mendonça e Duílio Nogueira, da Editora Fename, 1977 e com 318 páginas. Assim, provavelmente, os livros que ele não doou estão ligados as suas práticas pedagógicas, pois eram livros que ele tinha uma maior afinidade em função dos usos que fez ao longo do tempo.

Ainda, em relação à proposta curricular, no capítulo concernente a avaliação da aprendizagem, a mesma “não deve ser compreendida como uma fase final no trabalho educativo, ou um produto, mas como *um processo dinâmico, contínuo e constante*” [destaque do autor] (BAHIA, 1974, p. 52). Para tanto, a avaliação deveria estar fundamentada em alguns princípios como julgar o comportamento através de objetivos, revelar aspectos qualitativos e quantitativos da aprendizagem, utilizar situações e instrumentos variados e replanejamento (BAHIA, 1974, p. 52).

Observando os planos anuais de 1975 e 1976, consta que a avaliação poderia ser realizada através de teste, provas, provas objetivas e trabalhos realizados em classe ou em casa. No registro das cadernetas do professor Luiz Augusto aparece apenas os instrumentos teste, prova global e arguição. Também a partir desse ano aparece registrado na caderneta a divisão da turma, em pares e ímpares ou grupo um e grupo dois, no momento de realização das provas. No depoimento de Maria Célia Pachêco Rios, o professor “[...] explicava muito bem, eu acho; só que assim, eu digo assim, às vezes deu um pouco de colher de chá, por quê na hora da prova ele facilitava muito, pra ajudar a gente. Não era pra enrolar, era pra ajudar, da maneira dele.” (BAHIA, 1974, p. 54). Com um pensamento próximo ao de Maria Célia, a ex-aluna Rita de Cássia diz que

[...], em uma das avaliações ele facilitava [...], às vezes a gente tinha dificuldade e ele escrevia no quadro toda a questão e faltava só o resultado final. E eu ficava irritada com colegas minhas porque eu só fazia olhar pra elas na hora da prova e dizia "tá tudo no quadro, só faltava à resposta", mas mesmo assim não sabiam o que fazer dali em diante, então era muito assim. E quando a gente estava por dentro do assunto, você fazia e tirava uma notava maravilhosa, por que ele já dava quase tudo pronto. Mas pra quem não conseguia entender, porque matemática sempre foi "calo no pé" de muita gente, porque acabava não entendendo, achava aquilo tudo muito difícil, mas ele facilitava muito na hora da avaliação, fazia de tudo para que o aluno conseguisse e explicava muito bem durante as aulas. Mas agora não despertava aquele raciocínio lógico, isso não

tinha, o pensar... "tanto vezes tanto é tanto" e finalizou ali e pronto. (SILVA, 2010, p. 2)

Para a promoção dos alunos, os mesmos poderiam ser submetidos a estudos de recuperação, caso não alcançasse o mínimo solicitado. A recuperação era de duas formas: estudos paralelos ao curso ou curso de férias. Ao analisar as cadernetas a partir de 1975, constatei que os alunos eram submetidos aos dois tipos de recuperação. Entretanto, a recuperação paralela, como registrado na caderneta, acontecia através da aplicação de uma nova prova e não como “[...] estudos paralelos ao curso, a serem orientados pelo mesmo professor, através do trabalho diversificado ou agrupando os alunos que apresentassem problemas da mesma natureza, no turno que melhor convier” (BAHIA, 1974, p. 54).

O mesmo pode se verificar em relação ao curso de férias, este deveria ocorrer “[...] após um período de descanso, quando os alunos serão agrupados atendendo à natureza do problema que apresentam, devendo a sua duração variar conforme o progresso revelado, no decorrer do curso, por cada aluno.” (BAHIA, 1974, p. 54). Continuando com a análise das cadernetas, observei que o curso de férias não aconteceu posterior ao período de descanso. Em 1975, as aulas terminaram na penúltima semana de novembro em algumas turmas, já em outras na segunda semana. Entretanto, o curso de férias ocorreu praticamente depois do fim do ano letivo, pois na primeira semana de dezembro iniciava-se o curso de férias e durou o mês inteiro. Este também foi único ano em que houve curso de férias.

Além de ministrar aulas de matemática, a partir de 1976, o professor Luiz Augusto também assume a disciplina Desenho em duas turmas de 7ª série no turno vespertino. O conteúdo estudado na disciplina estava ligado à geometria plana, estudando áreas de figuras planas e os polígonos inscritos e circunscritos. Nos anos subsequentes foram encontradas cadernetas da referida disciplina ministrada pelo professor, sempre em turmas de 7ª série ou na 1ª série do 2º grau. Assim, além ministrar matemática na 1ª série, o professor também ministrava desenho. Os conteúdos trabalhados nas duas disciplinas se complementavam, de modo que em desenho os alunos estudavam geometria. Nesse caso, a formação em engenharia, permitiu que o ensino de geometria fosse constantemente ensinado, seja em matemática ou desenho. Acredita-se que o professor Luiz compreendesse que a geometria ajudaria com os conteúdos de matemática.

## **5. Algumas considerações...**

A historiografia sobre o ensino de matemática na segunda metade do século XX mostra um panorama diversificado acerca do ensino de matemática. A formação dos professores aconteceu através da licenciatura, oferecida pelas Faculdades de Filosofias, e as formações a curso prazo, como a Campanha de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES). Os professores do país realizaram o curso da CADES, entretanto, o professor Luiz Augusto nunca cursou a CADES ou qualquer licenciatura, a sua formação em Engenharia Agrônoma, segundo ele, era suficiente, juntamente com os cursos de atualização e treinamento, para que ele exercesse a docência, construindo a sua didática, o seu método. Sendo assim, o tornar-se/fazer-se professor de matemática aconteceu a partir das vivências que foram sedimentadas, constituídas e produzidas pelo contexto escolar, social e cultural do período em estudo. Portanto, as atividades escolares foram essenciais para que Luiz tornar-se professor de matemática, aprendendo com o aluno e com os colegas.

## 6. Referências

BAHIA. SECRETARIA DE EDUCACAO E CULTURA. Divisão Técnico-Pedagógica. **O currículo na escola de 1. grau:** (Fundamentação). Salvador, Ba: Secretaria da Educação e Cultura, 1973.

BRANDÃO, Marcius. **Matemática Conceituação Moderna.** 4 volumes. São Paulo: editora do Brasil, 1972.

CHAGAS, Valnir. **Educação brasileira:** o ensino de 1º e 2º graus: antes, agora e depois? 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1980. p. 60.

FERREIRA, J. L. ; LIMA, E. B. . De uma semente mais de mil árvores: elementos do movimento da matemática moderna no Ginásio Mairi (1967 - 1975). In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife. CD ROM - **ANAIS**, 2011.

FERREIRA, Joubert Lima. O carvalho para a sombra e os frutos do amanhã: a produção de uma nova cultura escolar a partir dos ideais do movimento da matemática moderna no Ginásio Mairi (1967 – 1975). In: I Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2012, Vitória da Conquista, Ba. CD ROM – **ANAIS**, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

MATTOS, Luiz Alves. **Sumário de didática geral.** 10 ed. Rio de Janeiro, RJ: Gráfica editora aurora, 1971

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Luiz Augusto. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, BA: 04 junho de 2010.

OLIVEIRA, Luiz Augusto. **Plano Anual: 5ª série.** Mimeo, Mairi-BA: 1995.

PEDREIRA, Iraci Pacheco. **Lágrimas azuis: memórias.** Feira de Santana, BA: Aliança editora gráfica LTDA, 1994.

RIBEIRO, Elielza Cunha. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: 18 janeiro de 2012.

RIOS, Maria Célia PACHêco. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, BA: 04 junho de 2010.

SANTANA, Odília Ferreira de. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: 13 fevereiro de 2012.

SILVA, Rita de Cássia Menezes. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: junho de 2010.

VITORIO, Suêde Menezes. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: 03 junho de 2010.

SOUZA, Iracema Silva. *Re: pesquisa – mestrado.* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[jouferr@yahoo.com.br](mailto:jouferr@yahoo.com.br)> em 04 de dezembro de 2012.